



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Fernanda Lisboa de Andrade

REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DOS AFETOS NA EDUCAÇÃO

BRASÍLIA

2017

Fernanda Lisboa de Andrade

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como
requisito para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DOS AFETOS NA EDUCAÇÃO

ORIENTADORA: Profa. Dra. PATRÍCIA LIMA MARTINS PEDERIVA

BRASÍLIA

2017

LL99r Lisboa de Andrade, Fernanda
 Uma reflexão sobre o lugar dos afetos na educação /
Fernanda Lisboa de Andrade; orientador Patrícia Martins Lima
Pederiva. -- Brasília, 2017.
 32 p.

 Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2017.

 1. Educação. 2. Subjetividade. 3. Afetividade. 4.
 Emoções
T Martins Lima Pederiva, Patrícia. orient. II. Título

Fernanda Lisboa de Andrade

REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DOS AFETOS NA EDUCAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como
requisito para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª PhD. Patrícia Lima Martins Pederiva - Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas/FE/UnB

Augusto Charan Alves Barbosa Gonçalves
Doutorando PPGE/UNB

Daniela Barros Pontes e Silva
Mestranda PPGE/UNB

Andréia Pereira de Araujo Martinez
Doutoranda SEE DF - PPGE/UNB (Suplente)

Data da aprovação: 06/07/2017

SUMÁRIO:

EPÍGRAFE.....	5
AGRADECIMENTOS.....	6
MEMORIAL E INTRODUÇÃO.....	8
O QUE É IMPORTANTE PARA A EDUCAÇÃO?.....	12
ESPAÇO ESCOLAR: UM AMBIENTE DE LIBERTAÇÃO OU DE OPRESSÃO?.....	18
A IMPORTÂNCIA DE DAR OUVIDOS AOS EDUCANDOS.....	23
PERSPECTIVAS FUTURAS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

EPIÍGRAFE:

Educar não é podar inteligências. Moldá-las, tolher a criatividade, amoldar a voz interior de cada um.

Educar é fazer o outro mais preparado para ser, de fato, quem é.

Como pais ou educadores, a nossa função vai muito além de transmitir um conteúdo determinado. Ela engloba o desafio de aceitar o outro (mesmo pequenino infante ou adolescente) como ser individual e único que lapidará dentro de si, ao seu modo, o conteúdo que lhe for transmitido.

(Nara Rúbia Ribeiro)

AGRADECIMENTOS:

Gostaria de começar os agradecimentos pela querida professora Patrícia Pederiva, por todo o carinho e paciência, por sua postura profissional humana, por acreditar nas minhas ideias e me incentivar a seguir o que acredito. Todas as palavras de motivação que ela me endereçou foram muito importantes, mas mais do que isso, o exemplo que ela transmite de mulher que vive o que acredita é de extrema importância para mim e creio que para todos os alunos e alunas que tem o privilégio de terem suas vidas acadêmicas cruzadas com a dela. Uma das poucas professoras que me permitiram vivenciar uma educação integral, humana, que considera os educandos de forma afetuosa. Sou muito grata à vida por ter me apresentado com a convivência como orientadora do TCC, como professora em Fundamentos da Educação Musical e como tutora no PET-Educação, o trabalho que desenvolvemos lá é incrível e me enche de orgulho.

Aproveitando o gancho, gostaria de agradecer imensamente a todas e todos os integrantes do PET-Educação, durante todo o período que estou no projeto a minha vida acadêmica e pessoal foi privilegiada e enriquecida por conta de todas as experiências incríveis e gratificantes que partilhamos. As nossas atividades em grupo, nossas rodas de conversa e de estudo foram de extrema importância para que eu me situasse e tivesse boas reflexões a respeito do meu tema de pesquisa e de diversos outros temas humanos e reais.

Gostaria também de agradecer à vida pelo privilégio de cursar Pedagogia na Universidade de Brasília, as vivências que tive até o momento e as que ainda terei são de uma importância imensurável para a minha formação como pessoa e como profissional, exatamente nessa ordem. Todos os meus amigos e amigas de curso, sejam calouros ou veteranos, me ajudaram muito e é reconfortante saber que tenho com quem contar, que tenho quem me entende, quem não me julga. A Faculdade de Educação é, para mim, de fato, uma família.

E por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer à minha família e ao meu namorado, em especial ao meu pai Agareu, meu irmão Eduardo, minha tia Luiza e meus primos e irmãos Alexandre e Natália. Obrigada por terem me criado, por me apoiarem e me compreenderem sempre que precisei, a minha vida não teria sentido sem a presença e o amor de vocês. Vocês são a personificação do amor no meu mundo. E sobre o meu namorado, Henrique, obrigada por todo apoio, pela paciência, pela ajuda em cada detalhe, pelo companheirismo na nossa rotina e principalmente, pelo amor que cultivamos juntos, você me

motiva a ser melhor sempre, me ajuda a enfrentar a realidade quando eu tenho medo dela.
Obrigada por segurar na minha mão e me fazer sentir segura e protegida, meu amor.

MEMORIAL:

Antes de começar a escrever esta monografia já podia sentir o desafio que me aguardava. Em especial pela necessidade de compartilhar sobre os motivos que me trouxeram até as reflexões motivadoras deste trabalho. O fato é que tenho muita dificuldade quando o assunto é expressar coisas a respeito de minha vida. É sempre uma batalha ter de me expor, mas, também, está sendo um ótimo exercício aprender a lidar com isso. De outra forma, isso significa enfrentar algumas fragilidades para abrir caminho a novas ressignificações, o que define bem esse momento de escrita.

Aos oito anos de idade, 2ª série, a escola deixou de ser para mim um lugar alegre e inspirador, não era mais o lugar para o qual eu acordava feliz e animada para passar boa parte do dia. Isso aconteceu por conta do falecimento de minha mãe. Esse acontecimento desencadeou uma série de outras mudanças em todos os aspectos da minha vida. Tantos, que não seria apropriado falar de tudo aqui. Mas, um aspecto, em especial, me faz refletir até hoje. Com o passar dos anos e, com o meu ingresso no curso de pedagogia, minhas inquietações se tornaram mais maduras e complexas. Na 2ª série comecei a perceber algumas coisas que hoje consigo descrever e entender. Mas, na época, eram grandes as inquietações com as quais eu tinha de lidar e que não tinha a menor noção de como resolver. Sinceramente, eu não sabia nem definir exatamente qual era o problema, mas havia algo que me incomodava muito. Atualmente, posso dizer que as coisas estão mais claras e, isso, de alguma forma, me traz uma tranquilidade. Afinal identificar problemas é um grande passo para procurar soluções para resolvê-los

Por algum motivo o fato de ter perdido minha mãe não afetou o meu desempenho escolar. O desempenho ao qual me refiro diz respeito às avaliações somativas aplicadas pela escola na qual eu estudava. Minha professora e o resto das pessoas envolvidas no meu desenvolvimento escolar ficavam muito contentes com isso. Inclusive, meu pai e outros familiares. Na verdade, pra eles, a escola era responsável apenas por aquele aspecto do meu desenvolvimento, desconsiderando todos os outros elementos envolvidos na socialização que há na escola.

Ao repensar a situação, me parece inconcebível que uma criança aos oito anos de idade, que se tornou órfã de mãe, esteja sendo avaliada única e exclusivamente por meio de provas e testes que só estavam relacionadas ao aspecto cognitivo dos conteúdos escolares. A avaliação era o objetivo principal das aulas e essa obsessão por decorar e reproduzir nas

provas o que era exposta em sala de aula consumia todo o tempo dos professores e professoras.

Como eu estava me saindo bem nos processos avaliativos mecânicos e impessoais a que estava sendo submetida, não havia motivo para preocupação, e essa falácia era tão real naquele momento, que eu mesma acreditava que estava tudo indo muito bem. Apesar de conviver diariamente no ambiente escolar e em todos os outros ambientes em que eu transitava convivendo com uma angústia inexplicável.

Foram longos anos até eu perceber que estava tudo errado em minha vida escolar. Foi preciso muita reflexão e análise sobre o que aconteceu durante todo o processo para que eu, enfim, pudesse perceber onde estava o erro. Para além disso, para que eu pudesse perceber que não havia um culpado por esses erros que ocorreram durante anos, pois eles simplesmente foram se fazendo presentes no dia a dia escolar, como uma nuvem de preocupações que se instala de mansinho e você demora meses ou até anos para perceber que ela estava ali o tempo todo.

Atualmente, depois de alguns semestres no curso de pedagogia, percebo que amadureci muito no que diz respeito às minhas ideias, e preciso falar sobre elas, procurar uma ou várias alternativas de romper com o que me foi imposto. O fato do afeto ser completamente desconsiderado no processo de ensino e aprendizagem teve consequências terríveis sobre o meu comportamento, e sobre o meu estado emocional, mas foi preciso muito tempo para que eu chegasse a essa conclusão.

Ser uma criança órfã em um espaço que não se importa com o que está acontecendo na vida dos alunos, além das paredes da sala de aula é desesperador. A sensação de incompreensão esteve comigo desde que me entendo por estudante, a diferença é que eu não sabia exatamente como descrever esses sentimentos que me acompanharam por tantos anos.

Eu era uma criança quieta, tímida e retraída, mas com boas notas. Portanto, essa quietude era interpretada pelas escolas por onde passei como um fator sem importância. Na realidade o que existia ali era uma criança sofrendo, que se excluía e não via empatia alguma por parte da escola, mas, que tinha um bom desempenho escolar de acordo com os padrões arbitrários estabelecidos por uma educação desumanizada. A escola não era mais um lugar acolhedor, com exceção dos amigos e amigas que fiz depois de certo tempo me adaptando à bagunça que era minha vida naquele espaço. Foi longo o período de adaptação, mas por algum motivo eu acreditava que aquele ambiente seria acolhedor para mim, algum dia ele teria de trazer algo mais, alguma coisa feliz precisava acontecer, afinal eu ia para a escola todos os dias, de segunda à sexta-feira.

No 5º semestre do curso de pedagogia tive a oportunidade de fazer extensão no Lar da Criança Casa de Ismael, instituição que acolhe crianças e adolescentes em situação de risco ou vulnerabilidade social. Na casa, eu tive a oportunidade de acompanhar uma tarde por semana uma turma da escola de educação infantil e também, tive um pouco de contato com os adolescentes que moram lá e estavam participando de oficinas durante o período em que estive lá.

Estar em contato com a realidade daquelas crianças e jovens, trouxe para mim um sentimento de empatia muito forte, ao conviver ali percebi uma semelhança entre as minhas inquietações e a realidade deles, isso despertou em mim a vontade de encontrar uma solução para o problema de como os afetos são tratados nos ambientes educativos. E isso despertou uma série imensurável de dúvidas em relação à forma como eu, professora, posso atuar para que o processo de ensino e aprendizagem não seja mecânico e sem um sentido real. Como ser uma educadora comprometida com os alunos de forma agradável e acolhedora quando necessário? Como olhar para os alunos com empatia e profissionalismo, sabendo interagir com questões que perpassam os conteúdos? Como ser uma educadora mais sensível em relação à história de vida dos alunos?

Almejo descobrir ou, pelo menos pensar muito sobre o assunto para que reflexões e considerações sejam formadas com a intenção de entender como é possível que a escola considere não somente as atividades intelectuais, mas também os afetos, para que o educar seja também uma forma de cuidar e não uma mera obrigação do educador com os alunos e suas futuras provas de vestibulares.

Considera-se que o tema deste trabalho é relevante por proporcionar visibilidade à reflexão sobre afetos na educação, dada a extrema racionalidade com que os processos educativos têm sido guiados nesse contexto. É preciso refletir sobre o que é considerado problema da escola e o que ela deixa passar despercebido. Por qual motivo a escola deixa de lidar com situações emocionais da vida dos educandos, que influenciam diretamente em suas relações com a aprendizagem, com a socialização no ambiente escolar, com o convívio em outros ambientes?

O papel social da escola vai muito além de conteúdos e avaliações somativas. Há, em cada educando, características imensuráveis que podem se apresentar de forma implícita ou explícita. Mesmo no caso de educadores, é necessário que haja um olhar de uma docência sensível por parte do educador, para identificar traumas, fraquezas, inseguranças, problemas e qualidades de um modo geral, mesmo que estejam encobertas por barreiras que o educando

não consegue enxergar. Assim, a importância desse trabalho se ancora na dimensão emocional do ser humano, tão importante quanto as demais dimensões.

Assim, o objetivo dessa pesquisa é:

Investigar como os afetos têm sido tratados no campo da educação:

Para isso, o trabalho está dividido do seguinte modo:

1. Revisão de literatura sobre os princípios de cuidar e educar na educação e o lugar das emoções na educação.
2. Investigar o campo das emoções e sua relação com a educação pela perspectiva histórico-cultural.
3. Pesquisa de campo, sobre como as crianças da Casa de Ismael, se sentem em relação a expressar suas emoções.

O QUE É IMPORTANTE PARA A EDUCAÇÃO?

O processo educativo é muito complexo, sofre influências minuciosas que partem tanto de educandos quanto de educadores, numa relação de troca entre ambos. Embora passem despercebidas, tais minúcias particulares geram consequências coletivas diversas, algumas boas e outras significativamente ruins. Portanto, é importante identificar onde estão as raízes dos problemas inseridos no ambiente escolar por essa socialização, para que então, se possa refletir sobre eles e, posteriormente, buscar soluções baseadas no que foi pensado sobre o assunto.

Professores e professoras estão situados no topo da hierarquia característica das salas de aulas. Essa relação imposta de superioridade faz com que educandos se sintam pouco confortáveis em expressar suas opiniões, vontades e sentimentos naquele espaço. Ter controle sobre alguma coisa é ter poder, domínio ou autoridade sobre ela, o que implica, portanto, o poder de definir por onde se caminha e aonde se chega (TUNES, 2011, p.9). Os caminhos percorridos no processo de escolarização são escolhidos, mesmo que de forma involuntária, pelo educador responsável pela turma. E isso indica os inúmeros educandos frustrados por não encontrarem na escola um lugar de sensibilidade em relação a sua vida dentro e fora do ambiente escolar.

Na escola, a regra máxima é uniformizar (TUNES, 2011, p.9) e a constante preocupação com a padronização intelectual e comportamental dos educandos é tamanha, que passa por cima de questões humanas, da realidade da qual o aluno faz parte. Sentimentos intrínsecos ao ser são desconsiderados por conta da hierarquia conteudista, instaurada como objetivo principal da escolarização. A pressa é grande para cumprir todo o conteúdo obrigatório, o olhar sensível para com os sentimentos e características individuais dos alunos não encontra espaço para florescer.

Para que um aluno seja considerado “um bom aluno”, ele tem de possuir algumas características muito específicas e superestimadas. Seja comportada, aprenda aquilo que está prescrito nos planos de aula, tire boas notas e, pronto, temos aí, um modelo de bom educando. Mas será que a única função do educador e da escola é produzir alunos com resultados bem sucedidos nas aprendizagens intelectuais?

Será que é suficiente ser eficiente em derramar conteúdos e mais conteúdos desconectados da vida dos educandos, sem os considerar em sua totalidade? Parece óbvio que

as questões aqui colocadas são perguntas retóricas, mas na prática escolar elas estão longe de se tornarem esclarecidamente óbvias para muitos profissionais.

Uma boa relação entre professores e alunos precisa, antes de qualquer coisa, de um bom canal de comunicação entre ambos. Educadores deveriam proporcionar lugar de fala para os estudantes, eles precisam se sentir à vontade para compartilhar assuntos de vários aspectos de sua vida. Essa relação não precisa e não pode se basear unicamente em assuntos relacionados à escola.

Considerando que os envolvidos no processo pedagógico escolar são seres humanos, pessoas com sentimentos, angústias, enfim, uma infinidade de particularidades que constituem cada sujeito. O aspecto emocional não deve ser negligenciado ou invisibilizado, visto que faz parte da totalidade de todo indivíduo.

A atual forma de funcionamento do mundo causa efeitos colaterais nos sujeitos envolvidos nesse processo, a cada dia mais o sentimento de autopreservação se faz presente na vida das pessoas, por consequência, são comuns comportamentos mecânicos e sem empatia com o ambiente social por parte dos sujeitos envolvidos. Os jornais, a internet, os meios de comunicação populares, de um modo geral, noticiam diariamente acontecimentos trágicos originários de vários lugares do planeta.

A cultura da violência, como uma mercadoria ofertada nos meios de comunicação no Brasil e no mundo, engloba inúmeros sujeitos, de diversas nacionalidades. Pessoas que influenciam e são influenciadas em seus ciclos sociais. Em meio a essa diversidade de sujeitos, existem os profissionais da educação, profissionais esses, que também recebem influência de uma visão de mundo em que tragédias e histórias realmente tristes e inesperadas se tornaram comuns.

O excesso de informação sobre tragédias, essa frieza para com a dor de outros seres humanos enfraquece a capacidade de empatia das pessoas, quase como uma doença, uma indiferença ao outro. Perde-se a capacidade de sentir o mundo em sua dimensão afetiva em situações que não envolvam interesses próprios. A presença de afeto e de compaixão é comum apenas, quando há pessoas próximas envolvidas de forma significativa nas situações.

Costumamos pedir às crianças que se acalmem quando percebemos que se sentem angustiadas, mas será que mostramos com o que a tranquilidade se parece ou conversamos sobre como é se sentir sereno? (BAYLEI. p.2, 2016). Não é comum conversar abertamente com as crianças sobre os seus sentimentos nas salas de aula ou fora delas, esse tema não é considerado importante, portanto, não há espaço para isso no calendário escolar. E entre professores e alunos se instaurou uma barreira invisível, que faz com que cada indivíduo

presente no processo de ensino e aprendizagem guarde em sua caixinha de emoções os sentimentos que estão presentes durante todo o período em que convivem e constroem experiências juntos.

Os conteúdos e as disciplinas não devem ser fragmentados no processo educativo, assim como as relações de afeto, intelecto, personalidade e demais aspectos da existência do ser humano também não devem. Parece-me complexo entender como eles são separados durante a prática pedagógica se nas experiências vivenciadas todos os campos da vida são aspectos homogêneos. São partes integrantes do educando, não apenas como aluno, mas na sua integridade como pessoa.

Delineia-se no horizonte uma valorização crescente do saber fazer, em detrimento das certificações escolares, cujo prazo de validade fica, cada dia, mais estreito. Por quanto tempo ainda terão validade os nossos certificados escolares? Estamos num ritmo alucinante: aprender sempre mais e, cada vez, mais rapidamente (TUNES, 2011,p.12).

Por conta dessa crescente rapidez acompanhada de eficiência, cobradas dos educandos não resta tempo para preocupação e dedicação para com outras dimensões dos alunos. A saúde mental, o desenvolvimento emocional, a articulação dos educandos com a sociedade são assuntos colocados em segundo plano, no caso de alunos que não correspondem ao esperado nos testes de aprendizagem. Já os alunos com notas boas, considerados eficientes e capazes, por conta de seu bom desempenho nas atividades programadas por currículos padronizados (que padronizam alunos), são descartados de qualquer tipo de apoio educativo emocional ofertado pela escola.

As avaliações nacionais da educação brasileira são baseadas em diversos aspectos, todos relacionados às capacidades cognitivas dos educandos, de um modo geral. As peculiaridades de cada região, de cada escola, de cada indivíduo são desconsideradas nesse bolo de diagnósticos pedagógicos elaborados, teoricamente, para que se possa enxergar as falhas e consequentemente consertá-las.

Não há preocupação alguma com as dimensões emocionais de alunos que são taxados como excelentes, mas que muitas vezes possuem problemas, angústias, tristezas e até doenças como, por exemplo, a depressão causada, justamente pelo excesso de cobranças, da hierarquia, da falta de espaço para expressão de sentimentos, enfim, por conta dos muros invisíveis de individualidade e desinteresse cultivados nas instituições escolares.

Se o estudante for capaz de atingir objetivos pedagógicos traçados para ele, sem dificuldades, educadores interpretam isso como uma coisa excelente e, ponto final. Acaba ali a preocupação em relação àquele aluno. É cruel pensar que em momento algum é considerada toda a carga emocional do educando, todos os males que essa frenética rotina de cobranças e de padrões a serem seguidos em relação aos estudos podem causar.

Imaginemos, então, um tipo de reflexão em que a vida boa dependa de uma única ocorrência, ou de uma única característica, ou de uma única competência. E que essa ocorrência, característica ou competência seja a mesma para todos. Rapidamente poderíamos classificar a vida em dois tipos: a vida que deu certo, porque isso - seja lá o que for - aconteceu, estava presente; e a vida que deu errado, porque isso não estava presente. (FILHO; KARNAL. p.12. 2016)

Assim, como a dualidade vida que deu certo e vida que deu errado é uma redução limitante de experiências da vida, a dualidade internalizada no ambiente escolar, definindo bons alunos e maus alunos é muito nociva para que se tenha uma visão do educando integralmente, sem fragmentar seu desempenho pedagógico das demais características que compõem o ser. A régua que tenta mensurar para definir esse aspecto do educando lava em consideração apenas uma das inúmeras possibilidades de ser um bom aluno. Só o fato de haver essas duas únicas classificações, limita as possibilidades de ser dos educandos. Desconsiderando aspectos apenas pelo fato de não estarem inseridos na relação aluno-conteúdo.

Ser professor ou professora não é e nunca foi uma tarefa fácil, é um exercício diário de responsabilidade com o futuro, compromisso com as práticas no presente, uma luta constante que requer resistência. Por conta das dificuldades pelo caminho não é saudável para nenhum dos envolvidos no ambiente educativo que o cuidado e o afeto mútuo estejam desvinculados da rotina educacional. A escolha dessa profissão carrega consigo uma série de questões morais e éticas que perpassam os currículos e adentram em um aspecto tão importante quanto.

Compaixão, gentileza, tolerância, consciência, discernimento para se sensibilizar com situações que precisam ultrapassar as barreiras impostas pelo cargo de professor (a), e passar para a relação humana de fato. São sentimentos e atitudes que podem trazer mais eficiência e equidade para a educação

Um fator alarmante que interfere diretamente no campo educativo é o alto índice de depressão na infância, essa doença é cada vez mais comum e esse é mais um

aspecto que o educador deve considerar ao conviver e conhecer seus educandos. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (2015):

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho (BRASIL. p.20. 2015)

Parece impraticável que um educando seja capaz de desenvolver-se plenamente como pessoa, por meio da educação, se a educação na qual ele está inserido é indiferente a comportamentos e atitudes emocionais que ele possa ter. A depressão, por exemplo, é um das doenças mais numerosas na atual configuração mundial, os mais diversos tipos de pessoas estão passando por esse momento difícil, por essa doença assustadora. Não é possível desvincular isso de um desastre na educação, é entristecedor pensar na forma como essa doença é invisibilizada e estigmatizada de um modo geral, inclusive no ambiente escolar.

A Escola em cada momento histórico constitui uma expressão e uma resposta à sociedade na qual está inserida: ela nunca é neutra, mas sempre ideológica e politicamente comprometida. Precisa acompanhar as mudanças da sociedade, por isso precisa ser modificada para enfrentar os novos desafios. (GASPARIN. p.10. 2009)

A quantidade, crescente, de educandos depressivos e com outros problemas psicológicos que afetam diretamente o comportamento das pessoas é um dos novos desafios apresentados diariamente no contexto escolar. Cerca de 5,8% da população brasileira, sofre de depressão – um total de 11,5 milhões de casos registrados no país, segundo dados divulgados pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015; LABOISSIÈRE, 2017). Esse índice é muito preocupante, e mais assustadora ainda é a forma como esses estudantes são, ainda mais, ignorados e consequentemente invisibilizados nas instituições da Educação Básica, nas instituições de Educação Superior e em ambientes educacionais de um modo geral.

Por privilegiar o racional em detrimento do campo emocional, educadores não assumem para si, responsabilidades intrínsecas ao trabalho educativo. Por consequência disso, falta autonomia sobre suas próprias práticas pedagógicas, o processo se torna mecânico e uniformizado. Profissionais da educação vêm sendo condicionados a condições de trabalho pouco valorizadas tanto econômica quanto socialmente, isso contribui para que o cenário educativo se torne ainda mais individualizado, tanto para professores quanto para alunos.

O foco das aprendizagens está em conhecimentos previamente elaborados, reproduzidos sem preocupação alguma com reflexões próprias sobre os assuntos estudados. Os educandos têm voz, mas não são ouvidos, são condicionados a copiar e colar, até chegar ao vestibular e aplicar todo aquele conteúdo fragmentado que foi absorvido ao longo do tempo escolar, desconexos da realidade pessoal de cada um.

Assim como os educandos não são incentivados por práticas pedagógicas que os libertem da padronização, do sufocamento das emoções e os tragam para uma posição de reflexão e autonomia para formar suas próprias opiniões, eles também não são motivados por práticas que permitam a expressão de seus sentimentos, de suas angústias, de suas inquietações. E isso tem fortes efeitos colaterais.

Repassar conteúdos fragmentados, concordar sem hesitar com o que é passado nos livros didáticos, hierarquizar a relação de ensino-aprendizagem são aspectos que engessam ainda mais, comportamentos passivos em sala de aula. Os alunos precisam ter suas vozes reconhecidas, os alunos têm voz! Mas essa voz não é ouvida, essa voz é silenciada, ignorada a ponto de deixar em seu lugar o desconforto de existir no ambiente escolar.

É um ato de violência essa omissão que ocorre em relação aos aspectos afetivos dos alunos, como seres humanos que são. Ninguém é capaz de se sentir confortável em um ambiente que não é acolhedor, que pelo contrário, tem inúmeras relações de desvalorização dos sentimentos e das vontades próprias em detrimento de cronogramas e planos de aula que precisam ser cumpridos a qualquer custo.

A autoridade que educadores impõe no ambiente escolar, repele relações de afeto, de carinho, de empatia para com o sentimento dos educandos. A vida vai passando no automático e situações de grande importância na vida dos alunos são deixadas de lado. É sempre bom lembrar que educar é um ato de carinho, de emancipação, de preocupação para com o futuro dos alunos presentes no ambiente escolar, independente de suas idades e características individuais.

Não é ético dissociar do educar, as relações de afeto, de respeito, o lugar de fala de cada um deve ser respeitado de modo que todos possam se expressar, da sua própria maneira, independente das relações hierárquicas que são estabelecidas nas salas de aula. O olhar de professor deve estar atento para a forma como ele conversa com seus alunos, olhar nos olhos, demonstrar respeito e empatia para com as peculiaridades e opiniões dos educandos é essencial para uma educação mais humana.

Demonstrar respeito pela história de vida dos educandos, observar com afeto e amor a vida dos alunos, transmitindo sinais de compreensão, mesmo que não se compreenda

plenamente o que aquele aluno está passando. O ponto de vista colocado aqui não tem como intenção fazer dos educadores os responsáveis pela solução dos problemas emocionais dos educandos, mas mostrar como eles são capazes de ajudá-los a enfrentar essas barreiras, pelo simples fato de serem ouvidos, de se sentirem compreendidos em um espaço tão importante que é o educativo.

ESPAÇO ESCOLAR: UM AMBIENTE DE LIBERTAÇÃO OU DE OPRESSÃO?

A falta de sensibilidade nas relações educativas ultrapassa os limites da Educação Básica e se estende por todos os segmentos educativos, inclusive, na Educação Superior. Período onde estima-se que de 15% a 25% dos estudantes universitários apresentam algum tipo de transtorno psiquiátrico durante a sua formação acadêmica. Dentre esses transtornos, os depressivos e de ansiedade são os mais frequentes (CAVESTRO, 2006; ROCHA, 2006).

É importante ressaltar que a carência de afeto nas relações educativas, não afeta somente educandos. Professores, coordenadores, diretores, enfim, toda a equipe que participa da organização do ambiente escolar está suscetível a sofrer danos psicológicos, desencadeados pelo fato da educação fragmentar sentimentos e intelecto, reprimindo um e superestimando o outro respectivamente. Como consequência disso temos no Brasil um alto índice de depressão em professores, afastados de seus cargos por conta dessa e de outras doenças que afetam os sujeitos envolvidos nos processos educacionais, de um modo geral.

É preciso uma mudança radical dos paradigmas que regem a cultura das escolas, uma modificação que priorize a educação integral dos educandos em detrimento da educação mecânica, conteudista e insensível que vem sendo reproduzida. Se observarmos atentamente qualquer sentimento, é fácil perceber que ele sempre possui sua própria expressão corporal. Os sentimentos intensos parecem estar escritos em nosso rosto (VIGOTSKI, 2003, p.113). Durante todo o tempo de convivência entre profissionais da educação e educandos, parece inadmissível que não haja, por parte dos profissionais, um olhar sensível para como as emoções que estão existindo e interferindo diretamente no comportamento, e na vida dos educandos. Segundo FERREIRA (2015) a inteligência emocional é um conceito muito moderno, oriundo da psicologia, e define a habilidade de reconhecer os próprios sentimentos e os dos outros, o que envolve diversas competências, entre elas a empatia.

Até mesmo a observação cotidiana evidencia um certo novo sentido que a presença dos sentimentos proporciona ao comportamento. A mesma conduta, dotada de um aspecto emocional, adquire um caráter totalmente diferente da incolor. As mesmas palavras, pronunciadas com sentimento, agem sobre nós de maneira diferente que as pronunciadas sem vida (VIGOTSKI, 2003, p.117).

Profissionais da educação, insensíveis às questões humanas que integram o ser, deixam de perceber (ou percebem e ignoram) no convívio com seus educandos a falta de vida, o excesso de tristeza no olhar, no comportamento, na forma de existir. Isso mostra como os aspectos inerentes aos educandos como seres humanos, são desconsiderados no momento da docência, como se fosse possível sair para trabalhar e deixar em casa, guardadas em uma caixinha, a empatia, a sensibilidade, para seguir um modelo de conduta educacional repetitivo, que não se permite modificar.

Se a existência é uma grande escola, por que as outras dimensões da vida do ser humano ainda hoje são excluídas em alguns processos escolares? (FERREIRA, 2015, p.1) Esse questionamento é uma questão central para compreender o motivo de tamanho desligamento, por parte dos professores, para com o lado emocional dos educandos. Chega a ser contraditório que a organização social das escolas tenha chegado a esse ponto de desumanidade.

Quando o organismo se adapta com dificuldade ao meio. A falta de correspondência entre a extraordinária complexidade do meio e a relativamente fraca capacidade defensiva do organismo é sentida como uma tensão desmedida. Nesse caso, o comportamento transcorre com sua força máxima, com o máximo investimento de energia, e o efeito de adaptação será o mínimo (VIGOTSKI, 2003, p.117).

Os educandos que, de alguma forma se sentem deslocados no ambiente escolar, e em outros ambientes dos quais fazem parte, precisam de uma atenção sensível e humana. É desagradável, por exemplo, a situação em que um educador reproduz em sua sala de aula, o discurso de que quem não foi bem na prova não é compromissado com os estudos, ou inteligente, ou é irresponsável, ou qualquer outro argumento que culpe os alunos por seu “fracasso” sem se preocupar com a forma como aquela experiência será sentida e absorvida pelos educandos. Não é nada agradável, a um educando, não se sentir pertencente ao ambiente educativo ao qual ele pertence, afinal crianças e adolescentes em idade escolar passam boa, se não a maior parte de seus dias em uma escola.

Segundo Vigotski (2005) quando fazemos algo com alegria, as reações emocionais de alegria significam que, a partir daquele momento, tentaremos fazer o mesmo. Quando fazemos algo com repulsão, isso significa que tenderemos, por todos os meios possíveis, a interromper essa tarefa. Isso explica o fato de tantos educandos e educadores estarem cada vez mais frustrados com os ambientes educativos em que estão inseridos. Profissionais desmotivados e infelizes, dificilmente serão capazes de transmitir bom humor, alegria, vontade de fazer algo bem elaborado para seus educandos e para si mesmos. Consequentemente, o outro lado desse cenário, que são os educandos, terão suas atitudes influenciadas pela negatividade, ignorância e impaciência notórias de seus educadores. Um reflexo infeliz desencadeia outro.

Vigotski (2001) afirma que a reação emocional é uma poderosa organizadora do comportamento, sendo assim, os aspectos emocionais dos alunos precisam ser considerados por toda a comunidade escolar, que interfere em suas experiências emocionais. Tomar conhecimento da imensa responsabilidade que educadores têm sob as características emocionais dos educandos, faz com que fique claro que é preciso olhar atentamente, para cada aluno com sensibilidade, procurando entender, mesmo que superficialmente, o que se passa ali. Para saber conviver com todos e com cada um da melhor forma possível, para ambos os lados. Conhecer emocionalmente os educandos para não cometer erros que causem desgaste emocional a todos, principalmente, para os que já estão sobrecarregados emocionalmente. Afinal, a tarefa de educar é um processo plural, formado por fatores externos e internos às salas de aula e essa diversidade não deve ser desconsiderada, em respeito a todos.

Pode-se ensinar uma criança a ficar com medo de uma espinha que aparece em seu rosto ou de uma aranha na parede, e é possível ensinar-lhe a temer as calamidades gerais, as derrotas da causa preferida, a desgraça que pode acontecer com seus seres queridos. E tudo o que dissemos sobre o medo pode se referir igualmente aos outros sentimentos. Todas as outras reações emocionais podem ser vinculadas aos mais diversos estímulos, e só é possível realizar esse vínculo fazendo com que os diferentes estímulos sejam confrontados com a experiência pessoal do aluno (VIGOTSKI, 2003, p.120).

Daí a importância de estar em constante conexão com a vida pessoal dos alunos. As histórias de vida, os traumas, as potencialidades, as dificuldades e inúmeras outras características pessoais de cada aluno podem ser percebidas por suas atitudes, gestos,

comportamentos, nos diversos ambientes que integram uma escola. E, principalmente, por meio de uma relação próxima e dialógica com as famílias dos educandos.

De um modo geral, o tratamento dos alunos com depressão gira em torno da família, dos especialistas e do paciente. Mas se o sujeito em questão é um educando, a escola tem de se envolver nesse processo também. É uma postura ética em relação à recuperação, ao tratamento em geral do aluno. A instituição de ensino não deve se sentir isenta de tal responsabilidade, visto que é na escola que muitas crianças e adolescentes passam boa parte de suas vidas.

Não há aqui a intenção de colocar educadores na função de diagnosticar alunos, e sim, a reflexão sobre o que a empatia, para com os educandos em geral, pode agir em pontos estratégicos da vida do educando que realmente precisam de uma intervenção humana e carinhosa, no sentido mais puro da palavra. O cuidado para com as questões emocionais do aluno, serão um reflexo na formação dele como pessoa, que se desenvolve e se modifica de acordo com as experiências pelas quais vivencia. Em outras palavras, praticar a resiliência, a empatia, estimular a autonomia, demonstrar interesse nas opiniões e problematizações dos alunos não só renderá resultados imediatos, por exemplo, o desenvolvimento do pensamento crítico e o emponderamento de suas personalidades, como refletirá futuramente na formação dos alunos.

O período da Educação Básica costuma deixar muitas marcas negativas, que em alguns casos se tornam traumas muito complexos de superar, portanto, fortalecer e respeitar as condições emocionais dos educandos é fundamental para que eles se desenvolvam sem tantos traumas, pelo menos nos aspectos emocionais. Segundo Vigotski (2003), para o professor não deve haver emoções inaceitáveis ou indesejáveis.

Segundo Casassus (2009), a educação do meu ser emocional, ou simplesmente minha educação emocional, não consiste em apagar a memória do evento, mas em separar a minha reação da ideia deste. Constitui um novo ponto de partida. Educação emocional não se trata de um processo a ser cumprido apenas com psicólogos, psiquiatras, terapeutas etc. A escola, assim como a família, é parte integrante e inseparável da vida do educando, em sua totalidade. Portanto, se ele precisa de atenção para com problemas de ordem emocional, é preciso que tenha, também, o auxílio da escola.

O amadurecimento emocional em relação a fatos traumáticos da vida dos educandos, principalmente quando são crianças, ocorre durante um longo processo e ao longo desse tempo de superação ou enfrentamento da realidade, a criança está concomitantemente em

desenvolvimento escolar. Frequentando, diariamente, durante doze anos, ou mais, a escola, na Educação Básica.

As emoções representam o campo vital para cada um. O que sentimos sobre nós mesmos determina em grande medida quem somos. Por isso, podemos dizer que é nas emoções que se encontra a fonte mais íntima da nossa intimidade, para além, das determinações, dos julgamentos das outras pessoas ou da nossa cultura. Nossa identidade se expressa pela maneira como agimos e reagimos às mensagens do entorno. As emoções nos provocam impulsos que nos indicam claramente como é o entorno no qual estamos operando e, portanto, nos permitem tomar decisões mais rapidamente (CASASSUS, 2009, p.23).

O aspecto emocional norteia todas as atitudes do ser, mesmo que de forma sutil ou inconsciente, uma pessoa triste, certamente não terá o mesmo interesse para viver seus dias, para realizar suas tarefas diárias, se comparada a uma pessoa feliz ou ao menos equilibrada emocionalmente. Esse segmento dos seres humanos, quando abalado, causa danos, traumas e isso, independe de classe social, de gênero, de idade e de diversas outras variantes sociais ou culturais.

Sentimentos não são mensuráveis, não é possível medir o sofrimento, ou a alegria, por exemplo, de uma criança em comparação a um adulto. Não é possível afirmar se uma pessoa depressiva de classe média alta sofre menos ou mais que outra de classes populares. Existem diferenças estruturais na cultura social de cada uma delas, mas isso não é suficiente para mensurar os sentimentos que cada uma experiencia. Não é agradável, muito menos justo, comparar o sentir de determinada pessoa. Cada acontecimento particular é absorvido de maneira única em cada educando.

Talvez, um fato triste ou traumático para um aluno seja tratado de forma natural por outro, assim como as alegrias sentidas por um educando possam ser experiências traumáticas para outros. O universo particular de cada educando é infinito e plural, portanto, não é cabível mensurar o que não pode ser medido, nem mesmo pelos sujeitos que estão convivendo com determinados sentimentos consigo. Mas, é preciso respeitar os sentimentos de todas as pessoas, e levá-los em consideração no cotidiano dos ambientes educativos.

Há cem anos, a ordem racional era percebida como fonte e origem do valor. Era em função desse valor que se estabeleciam as prioridades e preferências que guiavam decisões e comportamentos. O comportamento racional foi tradicionalmente percebido como a ocorrência interna das decisões que uma pessoa toma em função da maximização de seu interesse pessoal (CASASSUS, 2009, p.32).

A cultura atual, construída sob a falsa premissa de que é a racionalidade que deve predominar, em detrimento do aspecto emocional, faz com que o racional seja superestimado

e o emocional se torne subestimado. Traços desse passado, ainda muito próximo, em termos históricos, influencia todo o funcionamento da cultura social, inclusive da cultura escolar. Privilegiar o racional, o cognitivo, as notas altas, em detrimento do emocional, das notas baixas, é um equívoco que mantém o modelo escolar atual, que é predominante há séculos e é indiferente às questões que envolvem sentimentos. Por isso, é preciso pensar nos espaços educativos, nas atividades escolares bem como também, no lugar para a vivência educativa das emoções.

A IMPORTÂNCIA DE DAR OUVIDOS AOS EDUCANDOS:

A primeira atividade que descreverei aqui foi desenvolvida com as crianças da Casa de Ismael e teve como base toda a reflexão que já desenvolvi até o momento, portanto, teve como foco principal a opinião das próprias crianças, com o apoio da professora responsável pela oficina Criar e Recriar, pelas colegas estagiárias e por mim. A intenção era que elas construíssem a atividade juntas, para, desde o início, entrarem em contato umas com as outras, convivendo em um ambiente onde pudessem expressar suas opiniões e ouvir as posições dos colegas sobre o vídeo.

O vídeo exposto a elas se chama Cordas, um vídeo para refletir as relações sociais de uma criança portadora de necessidades especiais, tem poucas falas e retrata a amizade de uma menina e um menino em diversos espaços do ambiente escolar. Ele é paraplégico e não se comunica oralmente. Maria é a sua única amiga, cujo nome não é mencionado no vídeo, ela muda completamente sua rotina na escola, em função de acompanhar e ajudar seu novo amigo. Apesar das limitações físicas dele, ela contorna as dificuldades e brinca com ele de formas muito criativas e inesperadas. Depois de certo tempo de amizade, ele consegue esboçar um lindo sorriso de satisfação durante uma brincadeira com a amiga, mas no decorrer do vídeo ele acaba falecendo e Maria fica muito chateada, mas toma aquela amizade como lição para a vida. Dai ela cresce e se torna professora para crianças com necessidades educacionais especiais.

Acabada a exposição do vídeo a professora perguntou aos alunos da oficina o que eles acharam do vídeo. Eles se empolgaram bastante para falar sobre o assunto. Contaram que tem vários amigos com necessidades educacionais especiais na escola e se dão muito bem com eles. Já durante a exposição do vídeo, eles já fizeram a ligação do garoto do vídeo com os colegas da escola. Foi muito encantador perceber que ao dar ouvidos a eles, surgiram tantos

comentários interessantes e livres de preconceitos em relação à deficiência do personagem e de colegas de escola com quem eles convivem diariamente.

Alguns disseram que é importante criar uma brincadeira que dê oportunidade a todos de brincar, já que por limitações físicas, alguns colegas não podem brincar de futebol da maneira convencional. E, daí, surgiram várias ideias de como brincar de futebol, de peteca, de carrinho de forma adaptada para os colegas com dificuldades. A sensibilidade das crianças foi comovente, visto que para a professora, a atividade tinha o objetivo de desconstruir preconceitos em relação às pessoas com deficiência.

Depois dessa atividade em que as crianças foram ouvidas, e puderam questionar, tiveram uma experiência dialógica entre elas e com a professora e as estagiárias. Achei interessante mostrar, aqui nesse trabalho, a relação de um profissional da Casa de Ismael, para com o aspecto emocional e integral dos educandos. Portanto, entrevistei um dos educadores sociais que trabalham no Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da instituição.

Segue a transcrição da entrevista com um professor do Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Casa de Ismael que aconteceu no dia 07 de junho de 2017, às 15h00. Um profissional que, a meu ver, leva muito a sério seus compromissos com os educandos. Um profissional que, assim como tantos outros da Casa de Ismael, vê a educação como uma complexa conexão de diversos aspectos, incluindo o emocional, de forma a encarar a docência como um processo integral, entre seres humanos.

A entrevista partiu de três perguntas centrais, e questionadoras, que fizeram com que o diálogo fosse além de respostas às perguntas. Uma conversa produtiva e reflexiva sobre temas que permeiam não só a educação naquela determinada instituição, mas na educação de um modo geral.

1) Como ele se vê em relação à sua função, e se há funções que ele desenvolve que estão para além do que ele foi contratado para desenvolver?

Eu acho que aqui no Sócio, a gente inevitavelmente acaba tendo que exercer N funções: de pai, psicólogo, amigo, referência legal, tudo! Eles, por exemplo, não tem noção de que bullying é crime, e eles praticam muito. Não tem noção que homofobia, que racismo são coisas que a gente sabe que estão na realidade das crianças nas escolas por uma questão cultural do Brasil.

O pensamento dos pais, assim, acho que na contemporaneidade, acha que a obrigação de educação é da escola e não é bem assim, a gente sabe que não é. Eu tenho os

meus valores que eu passo pros meus filhos, mas o que eu passo aqui é conteúdo. E inevitavelmente no Sócio a gente ainda tenta passar valores, e aí que fica em primeiro plano o valor, essas coisas que não são trabalhadas na família. Essas coisas que não são trabalhadas em família elas impossibilitam outros trabalhos. Por exemplo, quando você chega aqui e vai dar uma aula de percussão e o menino não quer fazer o que você tá passando, mas quer pegar o tambor e acabar com o ouvido dos outros e você não consegue fazer, por mais que tente. Nesse sentido eu puxei o gancho pra falar que eu me sinto frustrado, porque assim, é complicado. Não sei como dizer. Cara, tem muitas demandas que a gente só consegue resolver na hora, assim, porque você nem imagina o que é isso, de fato.

Nesse sentido eu acabo adoecendo porque eu não consigo me desvencilhar disso, quando eu to em casa eu fico pensando em como estão os meninos aqui (citou alguns nomes de alunos) - A comunidade dele é muito violenta, e eu sei que pela forma de conduta dele, ele tá suscetível há várias dessas violências. Não só por isso, mas porque a realidade dele é complicada demais.

2) Ele se coloca em seu trabalho como pessoa ou como ser humano?

Como ser humano! Porque se você não tiver um olhar humano, você não consegue chegar aqui, vai fazer nada aqui porque o primeiro dia de aula você vai entrar aqui e um aluno vai botar o dedo na sua cara e mandar você tomar naquele lugar, vai falar que você não é o pai dele. Como exercer autoridade sob essas crianças? Eu só acredito no afeto e isso é humano. Cara, se não for pro lado afetivo. É um caso cotidiano, e eu amo todos eles, vai chegar aqui alguém falando pra mim que um bateu no outro e eu continuo amando os dois, como é que eu vou resolver isso. Por exemplo, rolou uma situação em que um grande, cuspiu na cara de um pequeno, aí eu sentei e conversei com o grande. Falei:

- “E aí, o que você quer ser da vida?”

- “Ah! Eu quero ser policial.”

- “ Eu falei pera aí, tem dois tipos de policial. O honesto e o corrupto, qual desses dois você quer ser? Essa sua atitude você acha que se encaixa em qual?”

- “Pô, do corrupto.”

- “Quem te impede de ser policial? Só uma pessoa, você sabe quem é? E ele - Não. E eu disse, é você, suas atitudes podem te impedir de chegar onde você quer.” Lógico que não vou ser ignorante de ignorar vários fatores sociais, mas o que eu posso passar pra eles é a vontade de tocar um violino. Eu não quero transformar ninguém em Mozart aqui porque a demanda não me permite, não me permite sentar com uma pessoa e ensinar direito.

Enquanto eu tô ensinando um a tocar violão o outro tá brigando na sala, quando eu resolvi aqui, apareceu uma guerra de meninas, chutando as mochilas umas das outras, daí eu tive que mostrar que eu tava bem bravo, tem hora que é preciso, para apaziguar e acalmar a situação. Você tem que ponderar muito, para não ser chato com as crianças, achar um equilíbrio. Essa minha atuação como professor, ela decorre do pensamento anarquista, de educar um ser humano para ser um ser humano, para ser humanizado mesmo e não transformar ele numa máquina de fazer coisas que não raciocina, não consegue dizer porquê pode ou porque não pode. Eu acredito muito nessa educação, é a que eu aprendi com meu filho!

3) Como ele lida com as emoções nas suas relações com os alunos?

Essa é a parte mais complicada para mim, essa é de longe a mais complicada. Eu vivo o drama deles junto com eles, literalmente estamos aqui e na minha primeira semana aqui eles não me deixavam nem falar e como eles estavam sem alguns professores eu precisei sentar e passar uma aula falando sobre respeito, sobre comportamentos absurdos que eles estavam tendo uns com os outros, aí acho que as coisas começaram a mudar e eu acho que esse é um trabalho contínuo. Eu trabalho com eles as regras, o companheirismo, a atividade em equipe, o respeito ao colega. Porque o futebol pode ser um bom lugar pra ensinar essas coisas, esclarecendo melhor o que eu trabalho com eles no futebol é o "fair play" que é o jogo justo, jogo limpo, não interessa se eu vou perder, mas vou perder honestamente.

É honestidade, e também eu ser muito amigo do professor e jogar com ele, perder para ele, ganhar dele, eles veem esse exemplo. É a referência, a gente precisa muito referenciar algumas coisas. A gente precisa conhecer eles, saber com o que estamos lidando. Eu acho que eu peguei um pouco disso com os professores que me deram aula, eu tive um professor de história incrível, essa pessoa me humanizou bastante, foi um grande espelho.

Segundo Paulo Freire (2014) não há diálogo se não houver um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que se infunda. Portanto, é gratificante perceber que na instituição haja profissionais comprometidos para com os educandos de maneira tão humana e sensível. Além da boa relação com os educandos, há no CCFV

uma série de bons exemplos. A boa relação que os professores e professoras têm, reflete no ambiente que é proporcionado as crianças.

O espaço construído resulta da história das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem-usufruem do lazer. Isto resgata a questão da identidade e a dimensão do pertencimento. É fundamental, neste processo, que se busque reconhecer as vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, às paisagens e tornam significativo o seu estudo (CALLAI, 2015, p.86)

A colaboração dos profissionais, uns com ou outros, ajuda a fortalecer os ideais que são passados para as crianças nas atividades, nas conversas com os educadores sociais, a prática tem um reflexo na realidade que é projetada nos discursos. Cada profissional em especial tem suas características marcantes e para os educandos, portanto, o trabalho é individual e coletivo, ao mesmo tempo. Tendo em vista que é preciso, primeiramente, um ambiente escolar agradável para que os educandos se sintam confortáveis ali. Em um processo educacional integrado, o meio, a organização cultural e social que se estabelece ao longo da convivência é diretamente influenciado pelo meio em que isso está sendo desenvolvido. Por isso, vale a reflexão sobre que ambiente os profissionais da educação estão proporcionado para si, e principalmente, para seus educandos. No processo dialógico que é o educativo.

Durante a minha trajetória escolar tive de lidar com situações complicadas, tanto para o ambiente familiar, quanto escolar. Aos 12 anos, cursando a 7ª série, fui buscada mais cedo na escola por conta do falecimento do meu avô, esse fato foi comunicado à escola na ocasião, para que eu fosse liberada. Eu fui embora da escola naquele dia e aquele assunto nunca mais foi falado comigo naquele ambiente, as pessoas da coordenação que me liberaram, a coordenadora, os professores, todos se calaram diante de uma situação extrema na vida de uma adolescente de 12 anos. Foi muito importante para mim, ao desenvolver esse trabalho, perceber que existem profissionais que escutam seus alunos, que dão ouvidos a eles, liberdade de expressar seus sentimentos, mais do que isso, profissionais que exploram o que há de melhor em cada aluno, por meio de conversas humanas, sobre assuntos relevantes sobre a vida dos educandos. Desenvolver um diálogo com os alunos, pode, em uma das diversas internalizações de diálogo que podem ser adotadas, significar estabelecer vínculos reais e humanos com outros seres humanos, os educandos.

Saindo do solo da Casa de Ismael, encontrei na internet outras situações em que educandos foram ouvidos e tiveram espaço para se expressar quanto a suas expectativas em relação à escola e aos professores. O vídeo *Dear Teacher: Heartfelt Advice for Teachers from Students*, publicado pelo canal norte americano *Brain Highways*, mostra crianças com

diagnósticos médicos de diversas necessidades educacionais especiais, deixando aos seus professores um recado sobre como eles querem ser tratados e explicando com suas próprias palavras o que o cérebro deles realmente precisa.

Querida professora, eu sei que nem sempre parece, mas eu realmente quero ouvir e aprender. Mas o meu cérebro é um pouco diferente, então isso é o que eu gostaria que você soubesse a meu respeito: Eu tenho que me movimentar, senão eu realmente não consigo prestar atenção; Mesmo que eu não esteja olhando para você, eu ainda posso ouvir o que você está dizendo; Se você me diz "Sente-se direito" eu tenho que usar todo o meu cérebro para fazer isso; Me sinto muito triste quando você me diz para eu me esforçar mais, mesmo que eu já tenha dado o meu melhor; Na verdade, eu escuto melhor quando estou me balançando na minha cadeira; Quando você me dá muitas instruções eu começo a pensar "eu nunca vou me lembrar de tudo isso"; Às vezes, minha mãe ou meu pai acabam fazendo todo o meu dever de casa; Então aqui está como você talvez possa ajudar: Deixe eu me levantar e me movimentar enquanto estou aprendendo; Me deixe olhar para qualquer lugar quando você fala comigo; Não importa o que aconteça, por favor não tire o meu recreio; Me dê deveres de casa que eu possa fazer sozinha; Dê instruções bem curtas; Apenas me pergunte "o que você acha que o seu cérebro precisa agora?"; E mais uma coisa, o meu cérebro pode ser diferente do seu, mas ainda assim ele é incrível; Com carinho, seus alunos (HIGHWAYS, Brain. 2015).

A mensagem que o vídeo passa me comoveu de uma maneira positiva, foi muito interessante presenciar como é produtivo dar ouvidos aos educandos. Perguntas a eles o que eles querem no processo educacional, afinal, eles são a figura mais importante da sala de aula, os processos pedagógicos são voltados para eles. Portanto, nada mais justo que pedir a opinião deles sobre um assunto que é central em suas vidas. A escola ocupa um papel social muito importante e determinante para a formação de cada educando.

Outro exemplo de desabafo de educando que encontrei navegando na internet foi essa imagem postada por um estudante universitário em sua rede social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo que o sistema ultrapassado de ensino me fez perder noites produzindo esse relatório. Junto com ele entrego um pouco da minha saúde mental que há muito tempo está adoecida, adoecimento esse causado por um sistema social que me obriga a produzir incessantemente, como uma máquina, sem levar em consideração minhas limitações humanas e a minha subjetividade. Por fim, acrescento que o fazer universitário é bastante falho e precisa ser urgentemente repensado.

Fonte: <https://twitter.com/manohumano>.

Essa imagem se encaixou perfeitamente no processo de reflexão que venho desenvolvendo ao longo deste trabalho, visto que, é nítido o incômodo do educando com o sistema educacional que desestabiliza a saúde mental dos estudantes, que os obriga a produzir independente dos limites pessoais de cada um. Onde se desconsidera as especificidades particulares e joga-se todos em um mesmo pacote de mentes que estão ali para produzir, reproduzir e ser eficiente, independente de qualquer coisa. Desconsiderando a humanidade que existe, ou deveria existir, nos processos educacionais.

O caminho para a mudança é árduo e longo, mas é importante e revigorante visualizar situações em que profissionais são, de fato, comprometidos com a educação integral dos educandos. É motivador pensar que as reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho não são em vão, e podem, mesmo que minimamente, influenciar e contribuir para a mudança dessa cultura escolarizada que passa por cima das emoções de todos os envolvidos nesse processo. A minha prática docente será fortemente influenciada por este trabalho e consequentemente as reflexões a respeito das emoções dos educandos, da escuta sensível, do olhar humano para cada um deles será um exercício diário e importante para que, mesmo que em pequena escala, alguma mudança seja promovida.

PERSPECTIVAS FUTURAS:

A continuidade deste trabalho estará na minha prática docente, como fruto de reflexões que ainda não surgiram até aqui, mas que surgirão ao longo do tempo, pelo fato da educação emocional, ser um ponto de extrema importância aos meus olhos. O atual sistema educacional, desrespeita, traumatiza e desconsidera a vida dos educandos fora do ambiente escolar. Assim, foi comigo e assim, é com tantos outros alunos que fazem parte dessa cruel cultura escolar.

Portanto, não considero que esse seja o fim deste trabalho, para mim é apenas o início. Pretendo adquirir cada vez mais maturidade como profissional e como ser humano para exercer a profissão de professora. Profissão essa que exige um contato verdadeiramente humano com os educandos e com todos os envolvidos na comunidade educacional em questão.

Futuramente, posterior à graduação, pretendo seguir com esse tema para uma dissertação de mestrado, ou para outro patamar mais desenvolvido e minucioso sobre o tema. Afinal, o lugar dos afetos na educação é um tema extremamente vasto, não há um limite de conhecimento a respeito do assunto a ser atingido para que se considere pronta e totalmente amadurecida a reflexão a respeito do tema.

O limite não existe e os problemas relacionados a isso estão cada vez mais presentes na cultura escolarizada, em todos os níveis de escolarização, como mostram os dados apresentados ao longo deste. Professores e educandos adoecem sua saúde mental por conta dessa cultura escolar tão indiferente ao ser humano. Por esse motivo, pretendo que o presente trabalho seja apenas o começo de uma longa caminhada em busca de uma educação mais humana e respeitosa para com educadores e educandos.

Referências:

BAYLEI, Crag. **Trabalhando a inteligência emocional das crianças.** Disponível em: <<http://revistaneuroeducacao.com.br/trabalhando-a-inteligencia-emocional-das-criancas/>>. Acesso em: 01 de abr. De 2017.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.** Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2017.

BRASIL, Agência. **Brasil tem maior número de casos de depressão na América Latina.** Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-02/depressao-brasil-tem-maior-prevalencia-de-casos-na-america-latina>> Acesso em: 10 de abr. de 2017.

CALLAI, H. C. **Estudar o Lugar Para Compreender o Mundo.** Editora Mediação. 2-15.

CAVESTRO, Julio, ROCHA, Fabio. **Prevalência de depressão entre estudantes universitários.** Journal of Brazilian Psychiatry. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0047-20852006000400001&script=sci_arttext> Acesso em: 11 de abr. de 2017.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da Educação Emocional.** Brasília: Livro Liber. 2009. FILHO; KARNAL. **Felicidade ou Morte.** Campinas – SP: Papirus 7 Mares. 2016.

CRUZ, FIO. **Depressão Infantil.** Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/deprssao-infantil.htm>>. Acesso em: 16 de abr. de 2017.

FERREIRA, Suzana. **Trabalhar as emoções é condição para uma educação integral.** Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/reportagens/trabalhar-emocoes-condicao-para-uma-educacao-integral/>>. Acesso em: 11 de abr. de 2017.

GASPARIN, João. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5 ed.rev. Campinas, SP. 2009.

HIGHWAYS, Brain. **Dear Teacher: Heartfelt Advice for Teachers from Students**. 28 ago. 2015 (1 min. 25ss). Disponível em: <https://youtu.be/ITMLzXzgB_>. Acesso em: 12 abr. 2017.

RIBEIRO, Nara. Educar não é moldar uma mente. É libertá-la dos moldes. Disponível em: <<http://www.revistapazes.com/10284-2/>>. Acesso em: 12 de abr. de 2017.

TUNES, Elizabeth. **Sem Escola, Sem Documento**. Rio de Janeiro: e-papers, 2011.

VIGOTSKI, Lev Semionovich; trad. Claudia Shilling. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed. 2003.

UOL, Saúde. **Depressão atinge cerca de 5% das crianças em fase escolar**. Disponível em: http://vyaestelar.uol.com.br/post/2653/depressao-atinge-cerca-de-5-das-criancas-em-fase-escolar/?depressao_criancas.htm. Acesso em: 3 de maio de 2017.